

JFT-8-7-8.4.12

BRITO, Jolumá. Afinal, o Instituto Histórico. Diário do Povo, Campinas, 25 jan. 1980.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029511

Afinal, o Instituto Histórico

Meu pai sempre foi um homem pobre. Era professor. E de Grupo Escolar do interior! De maneira que para viver folgadamente contou sempre com sua boa vontade. E com boa vontade criou-me a mim e aos dois meus irmãos, justamente num tempo em que a gente nada gastava; primeiro, porque não tinha onde e segundo por que não tinha. Lembro-me bem de que certa vez, correndo distraidamente pelo meio de uma das ruas de Espírito Santo do Pinhal, fui de encontro a uma motocicleta. Foi aquela sangüeira. Mas, o moço do veículo me deu uma prata de dois mil réis, para que eu calasse a boca e não chorasse. Daí aprendi que é chorando que a gente ganha tanta coisa nesta vida. Depois, minha família mudou-se para Campinas, para casa de meu tio Júlio Ribeiro de Brito, que foi Partidor e Contador na nossa Justiça Pública. Mas, eu pensava que Partidor ficava com metade da herança e a outra metade era dos herdeiros... Aqui em Campinas, vivia de pés no chão, não tinha sapato. E eu não tinha sapato por que meu pai não tinha dinheiro. Pensei em trabalhar, entrar para o jornalismo. Mas, primeiramente fui jornaleiro, vivia pelas ruas centrais vendendo o "O Estadinho", a "Platéia" e o "Diário do Povo". Subia nos estribos dos bondes e principalmente anunciava: Diá...rio...ô! Vendia o **Diário do Povo** num tempo em que nem conhecia o Cardoso e conseguia ganhar três mil réis por mês! Depois, em frente a casa de sobrado onde quem mais sobrava era eu, vivia a família do sr Rezende, que tinha uma cabra. E ele me pagava também três mil réis por trinta dias para levar a cabra a fim

de pastar num capinzal que existiu num morrinho onde é hoje a Escola Normal, Instituto de Educação. Ali, além de brincar com a cabra, eu não tinha dinheiro para comprar brinquedos, apanhava no Jardim Carlos Gomes uma das folhas que por acaso caísse, fazia delas uma espécie de canoa e ia deslizar no morrinho. Mas, continuava subindo nos estribos dos bondes apregoando: "Diá...ri...ô!" "Do pô...ô...vô!". Passou algum tempo: entrei para a sucursal do jornal **O Estado de São Paulo**, ao lado de Alvaro Vilagelin, Lourival J. Pereira de Queiroz, Leopoldo Amaral e o dr. Júlio de Mesquita. Em seguida, fui como foca, para a redação do **Diário do Povo**: dali para a **Gazeta de Campinas**, onde cheguei a redator secretário. E eu, que em matéria de cultura somente havia frequentado até o 3.º ano do **Grupo Escolar Dr. Almeida Vergueiro**, honro-me hoje, em ser presidente da Academia Campineira de Letras e Artes; secretário da Sociedade Medalhística Carlos Gomes; locutor chefe da Educadora, que fundei em 1929; escrevi trinta e sete livros, publiquei trinta e dois, tenho para editar: **Histórias da Maternidade de Campinas**, da **Justiça Pública em nossa terra**, **Dicionário de ruas da Cidade**, resumo em um volume da **História da Cidade de Campinas**, e um livro de versos. Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de S. Paulo e recebo, no momento, o título de sócio correspondente do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, que reúne as maiores capacidades de **Históricadores do Brasil**. Aqui, muito entre nós, Jesus; muito obrigado! Muito obrigado, mesmo!